



# ENTREVISTA COM SÍVIO LEITE

## INTERVIEW WITH SÍVIO LEITE

**Sívio Leite**

ENTREVISTA POR:  
**Bruna Kalil Othero\***

Sívio Leite (Brasil, 1971) estudou Comunicação e é Mestre em Artes Visuais pela UFMG. É diretor de curtas-metragens, professor de cinema de animação no Centro Universitário UNA e coordenador de workshops de vídeo e imagem, tendo colaborado ainda em vários projetos cinematográficos. Seus trabalhos foram apresentados e premiados em importantes festivais ao redor do mundo. Nominado três vezes ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, foi júri em festivais na Finlândia, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Armênia e em diversos outros no Brasil.

É curador, junto ao grupo de teatro Oficina Multimídia, da mostra de Cinema: cultura, arte e poder realizada há oito anos e que integra a programação do Verão Arte Contemporânea de Belo Horizonte. Fundador e um

\* [brunakalilof@gmail.com](mailto:brunakalilof@gmail.com)

Escritora e pesquisadora, autora dos livros de poesia *Anticorpo* (2017) e *Poétiquase* (2015), e organizadora dos livros de ensaios *A Porca Revolucionária: ensaios literários sobre a obra de Hilda Hilst* (2018) e *Poéticas do devir-mulher: ensaios sobre escritoras brasileiras* (2019). Cursa mestrado na UFMG (bolsista CAPES), no qual estuda a obra pornográfica de Hilda Hilst.

dos diretores do TIMELINE – Festival Internacional de Video Arte de Belo Horizonte. Fundador e um dos diretores da Múmia – Mostra Udigrudi Mundial de Animação. Organizador dos livros: *Subversivos: o desenvolvimento do cinema de animação em Minas Gerais* (2013) e *Maldita Animação Brasileira* (2015). Em 2017, lançou a coletânea MUMIA de Animações Mineiras em comemoração ao centenário da animação brasileira. Em 2018, traduziu e publicou o livro *Jorge Sanjinés e Grupo Ukamau – Teoria e prática de um cinema junto ao povo* e publicou o livro *Diversidade na Animação Brasileira*.

Filmografia: *Mirmidões* (2001), *Marte* (2003), *Plutão* (2004), *O Vento* (2004), *É proibido jogar futebol no adro dessa igreja* (2004), *Aeroporto* (2005), *Eu sou como o polvo* (2006), *Mercúrio*

(2007), *Terra* (2008), *Kombucha* (2009), *Nego* (2010), *Space Dust* (2011), *Macacos me mordam* (2012), *Tejo/tedio* (2013), *Saturno* (2014), *Marcatti* (2015), *Arrudas* (2015), *Desarquivando o Brasil* (2016), *Vênus – Filó, a fadinha lésbica* (2017).

Quis entrevistar Sávio Leite por alguns motivos: além de brilhante professor e cineasta premiado Brasil e mundo afora, ele é o responsável pelo curta *Vênus – Filó, a fadinha lésbica*, inspirado no poema homônimo de Hilda Hilst (1930-2004), autora que estudo em meu mestrado na UFMG. A obra pornográfica de Hilst é o ponto de encontro entre os nossos trabalhos, e é a partir dela que começamos a nossa ótima conversa, sediada em um café de Belo Horizonte no dia 07 de junho de 2019.

\*\*\*

SÁVIO, BEM-VINDO! PRIMEIRO, GOSTARIA DE TE AGRADECER POR TER ACEITADO O CONVITE DE ME CEDER ESSA ENTREVISTA. QUERIA TE OUVIR FALAR UM POUCO SOBRE COMO FOI O SEU CONTATO COM A OBRA DA HILDA.

É um prazer pra mim estar aqui também. Na verdade, eu sou um leitor assíduo, eu gosto de ler muita coisa, e o nome da Hilda me chamou a atenção. O primeiro contato que tive com a obra dela foi através do Juarez [Guimarães

Dias, dramaturgo, pesquisador e professor da UFMG], que trabalha os textos da Hilda, e me chamou pra filmar um espetáculo que ele tinha feito, isso já tem muito tempo, *A Possessa (A Empresa)* que chama [primeira peça de Hilst, escrita em 1967]. Então eu fui filmar o espetáculo, e ele tinha pedido pra eu fazer tipo um *teaser*, e aí com essa proximidade com o Juarez eu pedi emprestado alguns livros, e ele me emprestou todos os livros da Hilda, entendeu? Aí eu li todos os livros dela, todos, assim. E foi então que me deparei com esse livro, *Bufólicas*, que achei muito interessante, mas me chamou a atenção o [poema] “Filó, a fadinha lésbica”, até porque eu tenho uma série em animação com nomes de deuses gregos e romanos, já tenho *Terra*, *Marte*, *Plutão*, *Mercúrio*, *Saturno*, e tinha intenção de fazer *Vênus*, entendeu? Aí imaginei fazer *Vênus* com o texto da Hilda Hilst, essa personalidade feminina, e a Filó me chamou muito a atenção. Por outro lado, teve todo o processo de pegar o texto e fazer o filme, pra gente fazer isso precisa de um roteiro, pegar o texto e fazer uma transposição pro cinema. E eu tive uma certa dificuldade porque o texto da Hilda é bem visual, quase não te dá espaço pra criar em cima. E como eu tava pensando nessa coisa do *Vênus*, um texto de mulher, de uma escritora, imaginei que seria ótimo chamar uma mulher pra fazer a narração. Aí tive vontade de chamar a [atriz e cineasta] Helena Ignez, porque ela é uma referência, enquanto atriz brasileira, pra nós que fizemos cinema,

ela trabalhou com todos os grandes diretores brasileiros, desde Glauber Rocha até [Rogério] Sganzerla, e nos filmes do Sganzerla ela tem um certo deboche, um tom muito debochado, e eu achei que talvez casaria, e casou muito bem. A Helena já é uma atriz consagrada, madura. Acho que ela respeitou muito, teve esse respeito com o texto de uma grande escritora, tipo assim, não vou gravar de qualquer maneira. E me mandou o texto, interpretando. A priori, eu ficava pensando na voz dela nesses filmes que ela fez na década de 70, ela menina, debochada. Mas a voz dela, hoje, madura, deu outra camada pra narração. [garçons do café interromperam] Nossa, eu falo igual uma matraca. [risos] Na verdade, esse filme *Vênus*, metamorfoseado na *Filó*, ia chamar só *Vênus*, quando ele foi selecionado em Berlim [no Festival Internacional de Berlim] que lá eles colocaram



*Vênus – Filó, a fadinha lésbica*, e eu falei, vai ser assim daqui pra frente. A *Vênus* enquanto divindade e a *Filó* enquanto uma divindade do submundo, da sarjeta, isso é a minha leitura, pode ser que as pessoas tenham tido outras leituras. Todos os meus filmes feitos usando essas divindades permitem essas múltiplas leituras também. A minha leitura é que *Vênus*, *Filó*, é uma divindade, ela não tá presa nessas caixinhas, nessas denominações, mas assim, eu não tenho nada contra essas denominações também, entendeu?

QUE TIPO DE DENOMINAÇÕES VOCÊ FALA? LÉSBICA?

É, lésbica, trans, e outras coisas, gay. Ela é mais do que lésbica no filme.

SIM, PORQUE CRESCE O FALO FÚCSIA NELA, E ISSO GANHA OUTRA SIGNIFICAÇÃO, AMPLIA E QUESTIONA AS NOÇÕES DE GÊNERO PRÉ-ESTABELECIDAS.

E também tem aquela cena no final, o texto fala que chega aquele cara fortão, e vai gozando e tal, parece que é uma relação, eu tava pensando nisso, mas não tenho todas as respostas no mundo, sabe [risos].

QUE BOM QUE A GENTE NÃO TEM, A ARTE NÃO PRECISA TER RESPOSTAS. [RISOS]

Mas olha pra você ver, naquela cena final ela é que penetra o cara, não é essa relação patriarcal, heterossexual, eu não sei se poderia falar, mas eu fico pensando em uma relação gay.

É, TALVEZ NUM SENTIDO DE ENTRE IGUAIS, QUE ELA SE COLOCA EM IGUALDADE COM O CARA GRANDÃO. ELA TÃO PEQUENININHA, MAS QUE FICA GIGANTE NO MEIO DAQUILO TUDO.

É, é isso.

NA MINHA PESQUISA SOBRE A OBRA HILSTIANA PORNOGRÁFICA, PERCEBO SEMPRE UMA TENSÃO ENTRE O QUE É CHAMADO ERUDITO E O QUE É CHAMADO POPULAR. E EU SENTI ISSO TAMBÉM VENDO O SEU CURTA, PRINCIPALMENTE PELO USO DOS GIFS, QUE É UMA COISA MUITO POP, DIGAMOS ASSIM. DAÍ QUERIA QUE VOCÊ FALASSE UM POUCO SOBRE ISSO, COMO FOI TRANSPOR O TEXTO LITERÁRIO PRA OUTRO SUPORTE, O AUDIOVISUAL, A PARTIR DESSA TENSÃO.

Então, na verdade é uma pergunta inteligente sua, porque as pessoas não dão atenção a essa coisa do *gif*, e é uma coisa super importante, porque nós quisemos usar uma ferramenta nossa contemporânea, que nada mais é que

uma releitura das primeiras animações no início do século, muito simples, aquelas animações que repetem, repetem, repetem. Na verdade, o filme foi feito nessa onda, no pico desse gosto popular. Então quisemos usar o *gif* por isso, uma linguagem muito atual, muito contemporânea, que a gente achou que encaixaria perfeitamente. E em se pensando em *gif* pornográfico, eles abundam a internet, entendeu? Mas é interessante você falar isso também porque em algumas projeções as pessoas vem me perguntar se a gente gravou aquelas cenas, se fizemos as filmagens e depois desenhamos em cima. Eu sempre falei não, mas fico tentado a falar que sim, inventar outras histórias, por que não? Estamos aqui pra contar histórias, criar lendas. A Hilda acho que nada mais fez do que criar lendas ao redor e em cima de si, dela mesma. Eu acho incrível ver alguém, voltando à pessoa dela, que com trinta anos de idade, renega uma vida na maior metrópole da América, e diz: vou pra um sítio e quero me dedicar a literatura. Poucas pessoas fazem isso. É uma figura muito interessante. E depois tem toda essa onda em cima dela, essa blasfêmia, esse caso dela conversar com os mortos e levar isso a sério, é uma coisa científica. Eu acredito também, daria todo apoio, ela era amiga de físicos, né. E ela muito no escárnio, acho muito interessante esses poemas pornográficos da Hilda. [pausa] Me perdi aqui, tava falando no pornográfico aqui

mas passou a criança do lado e, gente, eu fiquei constrangido [risos]. Olha a realidade invadindo a entrevista assim, a mãe olhando pra mim com uma cara. [risos] Ai, eu me perdi.

MAS A GENTE VOLTA, ESTÁVAMOS FALANDO DA FIGURA DA HILDA, QUE CRIOU HISTÓRIAS MÍTICAS SOBRE ELA MESMA, E EM COMO VOCÊ TAMBÉM QUERIA CRIAR LENDAS.

Posso criar sobre esse filme ainda.

PODE CRIAR AGORA, FICA À VONTADE. [RISOS]

Mas a coisa do sexo pega muito nas pessoas assim, né, incomoda demais.

E É AÍ QUE VAMOS PARA A PRÓXIMA PERGUNTA: IMAGINO QUE LANÇAR O CURTA NO BRASIL DE HOJE, TERRA DE RETROCESSOS POLÍTICOS E SOCIAIS, DEVER TER SIDO DIFÍCIL. COMO FOI A REPERCUSSÃO, TANTO POSITIVA QUANTO NEGATIVA, TANTO NACIONAL QUANTO INTERNACIONAL?

Queria antes falar um pouco do processo de fazer o filme. Uma coisa muito interessante que tem a ver com essa pergunta é que eu sempre me alio a outras pessoas pra fazer cinema, acho que cinema a gente nunca consegue

fazer sozinho, nunca, quanto mais cinema de animação, por isso que demora muito tempo pra fazer os filmes. E esse filme da Hilda eu demorei 10 anos pra fazer. Desde fazer a pesquisa de escolher o texto, entrar em contato com direitos autorais, aí chamei 9 pessoas pra me ajudar a fazer. E todas elas se recusaram. Algumas falaram abertamente: olha, eu até respeito, mas essa coisa de diversidade sexual não é minha praia, etc. Depois eu chamei uma figura que até já morreu, uma senhora muito conceituada aqui de BH, com um desenho lindo, maravilhoso, e ela disse: obrigada e tal, mas não é a minha praia, desculpa.

UAU. INCOMODA MESMO, NÉ? UM TEXTO QUE JÁ TEM 30 ANOS E ATÉ HOJE INCOMODA MUITO AS PESSOAS.

Olha pra você ver. Quando a Rede Minas me chamou pra fazer o programa, o cara falou: leva um livro da Hilda pra você ler. Aí eu quis ler o reizinho pintado [refere-se ao poema "O Reizinho Gay", também em *Bufólicas*], maravilhoso, aí comecei a ler e o cara falou: olha, sinto muito, televisão aberta, não vai dar certo. Aí eu fiquei até criando a fantasia: nossa, meu sonho seria ler um poema pornográfico de Hilda Hilst na TV pública. [risos] Porque eu acho que incomoda demais mesmo. Aí fazer o filme teve essa dificuldade inicial, e depois com o filme pronto foi uma

grata surpresa ele ter sido selecionado em Berlim. Tanto para mim, olha eu sendo metido [risos], quanto surpresa pro pessoal do lado do festival. Eles já tinham feito a seleção, acharam o filme bárbaro, e quiseram colocar dentro de uma mostra que chama “Panorama”, a segunda mostra principal do festival, pra trabalhos mais experimentais. Eles têm uma premiação voltada pra filmes com temáticas *queer*, aí ele foi um dos nominados ao prêmio. Foi uma maravilha ter ido, e foi bem no meio dessa coalizão que o Brasil já estava formando, em 2017, teve manifestação lá em Berlim contra o governo do [ex-presidente Michel] Temer, as coisas já estavam pipocando, [o escritor] Raduan Nassar foi rechaçado naquela época. Mas fez um sucesso tremendo lá em Berlim. Foi uma surpresa pra mim porque eu desconhecia todo o cinema *queer*, pra ser sincero. Eu não sabia a potência que ele tem. Lá em Berlim eles reúnem todos os diretores de festival *queer* no mundo inteiro, inclusive de países onde a homossexualidade é proibida hoje, então lá eles tem voz. São mais de 300 pessoas, e todo mundo ficou interessado no filme. Mas teve uns comentários. O filme tava abrindo pra uma figura de Taiwan, que fez um filme super pornográfico, com muito sexo, atores pornô e tal, uma figura super conceituada. Ela chegou e falou pra mim: nossa, eu esperava uma mulher e veio um homem, que filme mais transgênero [risos]. Eu achei

o comentário muito interessante. O filme participou de alguns festivais, na verdade eu me retirei de alguns outros festivais, e ele teve aqui no Brasil tanto uma acolhida muito interessante, quanto também um ataque direto mesmo. Só por ter “lésbica” no nome, em alguns lugares ele foi atacado. Até aqui no interior de Minas, uma secretária de cultura falou: se você não retirar esse nome “lésbica” do cartaz, a gente não vai apoiar seu festival. A gente participou de alguns protestos, e o filme foi muito atacado. Eu até guardei um bocado grande desses ataques, e pretendo fazer alguma coisa com eles ainda. O Instituto Hilda Hilst apoiou todos os passos que a gente fez com o filme, mas eu acredito que nem eles esperavam tanta projeção assim, entendeu? Mas eu acho isso muito interessante. Eu sou um cara que trabalha com animação, já tenho uma militância nessa área de cinema de animação, e pra ser sincero eu acho que isso é o que as grandes obras, os grandes artistas, fazem com as outras pessoas, e foi o que o texto da Hilda fez comigo. Me mostrar outro mundo, outra forma de ver o mundo. Isso foi o que mais eu pude aproveitar do texto dela, desse convívio, dessa leitura. Me mostrar que existem outros universos, que podem ser, pra alguns, de baixo calão, mas também muito eruditos. Os grandes artistas não se medem por vendagem, nem nada assim. A figura dela

sempre foi consagrada, sempre será, e acho que o alcance da literatura dela só vai aumentar.

O CRÍTICO LITERÁRIO ANTONIO CANDIDO, NO TEXTO "O DIREITO À LITERATURA", AFIRMA QUE A ARTE E A CULTURA SÃO MUITO IMPORTANTES PRA SOCIEDADE EXISTIR, PARA NOS ENTENDERMOS COMO SERES HUMANOS, E QUE TODOS DEVERIAM TER DIREITO À CULTURA, À ARTE, À LITERATURA, EM VEZ DE SER UM PRIVILÉGIO, COMO É NO BRASIL HOJE. E EU ACHO QUE ISSO TEM MUITO A VER COM A PROPOSTA DA OBRA DA HILDA, NESSE DESEJO CONSTANTE DE ATINGIR O OUTRO, TODOS OS OUTROS POSSÍVEIS, BUSCANDO LEITORES. ENTÃO PENSO QUE ELA FICARIA MUITO FELIZ EM VER UM FILME COM O SEU TEXTO CIRCULANDO O MUNDO INTEIRO. A PARTIR DISSO, ALÉM DE EXPANDIR NOSSOS



HORIZONTES, O QUE VOCÊ ACHA QUE A LITERATURA DE HILDA HILST TEM A DIZER PRA ESSE BRASIL CAFONA DO SÉCULO XXI?

Nossa. [risos] Eu acho que a obra da Hilda é um espantamento, entendeu? Te dá uma porrada, e te dá um abraço agridoce. Acho que ela tem muito a dizer. Sobre tolerância, sobre o outro. Eu vejo a cada dia que a literatura é uma fonte muito interessante pra gente que trabalha com cinema, trabalhar essa tradução intersemiótica, entre signos, pegar de um suporte e transformar em outro. O meu mundo da Hilda foi completamente pop, colorido...

ROSA, FÚCSIA, BORDÔ, NINGUÉM SABIA O NOME DAQUELA COR...

Com certeza. [risos] Com uma música brasileira, um toque brasileiro, entendeu? Fico pensando na Hilda, nessa angústia dos grandes artistas brasileiros, ela, o Glauber Rocha, fazendo uma arte que queria atingir o povo, mas atingiu poucas pessoas. Talvez o mundo não está preparado pra essas pessoas tão visionárias, a Hilda era uma visionária. Pra ela, não existia esse limite careta que a sociedade impõe.

HILDA HILST FALAVA QUE "A VERDADEIRA NATUREZA DO OBSCENO É A VONTADE DE CONVERTER". ELA DIZIA QUE ESCREVA ESSES TEXTOS PORNOGRÁFICOS PRA FAZER AS PESSOAS FICAREM ENOJADAS E

TEREM UMA NOSTALGIA DA SANTIDADE. PENSANDO HOJE, NO NOSSO CONTEXTO DE UM ESTADO QUE DEVERIA SER LAICO E TOMA PROPORÇÕES RELIGIOSAS, O QUE VOCÊ ACHA DESSE PENSAMENTO DELA?

Olha, você falando isso, vou mais longe ainda: acho que hoje estamos vivendo uma forma branda de um fascismo que está rodando o mundo. Não começou com o [presidente dos EUA Donald] Trump não, mas tem a mão dos Estados Unidos aí. Esses fascismos brotando na América, na Europa, e até no Brasil. No fascismo, há uma ansiedade sexual, um medo profundo da perda do patriarcado. Estamos no pico de uma verdadeira revolução sexual, e somos moldados por essa revolução. A gente viu na década de 90 o termo GLS ganhando destaque, as pessoas se afirmando, e hoje isso explodiu. E eu acho, acho não, tenho certeza, que isso afronta diretamente essa religião toda que está aí, católica, protestante. Elas ficam com medo. O Estado prega esse medo. Tipo assim: olha esses caras depravados aí, vão tomar o seu lugar, o seu emprego...

VÃO CORROMPER OS SEUS FILHOS, CONSPURCAR AS CRIANÇINHAS INOCENTES – LORI LAMBY QUE O DIGA...

Com certeza. [risos] Se seus filhos verem dois gays beijando na rua, vão ser gays também, essas baboseiras. Sempre teve esse medo incrustado na sociedade, mas agora está

voltando de uma forma exacerbada. Mas eu também acho que, por outro lado, essa revolução sexual não tem volta. Pega a parada LGBT [de São Paulo], vai um milhão de pessoas na rua. As pessoas descobriram o próprio corpo, isso não tem volta, mas ainda choca. Os poemas da Hilda, todo o *Bufólicas*. Porque eles são muito explícitos, estão ali na sua pureza, e eu acho isso muito belo, ela pensar nessa forma, expurgar essa culpa mostrando todo o lado erótico. Eu acho os poemas dela de um lirismo, de uma poeticidade, que só o cinema de animação, puxando a sardinha pro meu lado, consegue ter. Uma delicadeza, de tocar nesses assuntos pertinentes, urgentes, de uma forma lúdica, na forma de um conto de fadas.

PRA ENCERRARMOS, UMA ÚLTIMA QUESTÃO. ELIANE ROBERT MORAES, PROFESSORA DA USP E ESPECIALISTA EM LITERATURA ERÓTICA, PUBLICOU UM ARTIGO NA FOLHA DE SÃO PAULO ESSA SEMANA AFIRMANDO QUE A BATALHA CONTRA O EROTISMO É UM PILAR MORAL DA ERA BOLSONARO. A PARTIR DESSA SITUAÇÃO POLÍTICA DO BRASIL E DO MUNDO, COMO VOCÊ VÊ A PRODUÇÃO DE ARTE ERÓTICA E PORNOGRÁFICA ATUALMENTE?

Eu acho que ela tem toda razão. O erotismo tem esse poder mesmo. A minha ideia original em pegar esse texto da Hilda e transformar num filme foi querer discutir

o limite que existe entre erotismo e pornografia. Qual é esse limite? Existe esse limite? Se eu estou usando o texto de uma escritora consagrada, eu fico com medo de falar pornográfico. Toda vez que eu falo pornográfico, eu me puno e falo erótico, tenho essa autocensura. Eu acho que existe, sei lá, é uma opinião minha, não tenho resposta, posso estar errado, mas vejo esse limite entre erotismo e pornografia, embora seja muito difícil separar as coisas. Eu acho a Hilda erótica, não pornográfica. *Vênus – a Filó*, você não fica excitado vendo o filme. Você não ri vendo o filme. É um conto de fadas pesado, irônico, sarcástico, é um riso de escárnio. Eu acho que ela faz um erotismo que pega um baixo calão mas eleva num nível intelectualizado. Acho que isso é erotismo. Você pega o livro da figura que você falou, do corpo fragmentado [refere-se a *O Corpo Impossível*, de Eliane Robert Moraes], onde ela dá esses exemplos na história da arte, mostrando esse erotismo, uma pungência sexual. A pornografia, eu fico pensando, hoje em dia tem tanta coisa. O governo Bolsonaro todo é pornográfico. E volto ao fascismo: querer atacar as universidades, a intelectualidade, os artistas, as minorias, os gays, os índios, existe pior pornografia que isso? Existe pior pornografia que um ator pornográfico estar no congresso, com poderes ilimitados, entendeu? Pornográfico era o Calígula nomeando o cavalo, a gente está perto disso,

entendeu? [risos] Isso é uma pornografia, cara. Isso está te atingindo tão diretamente que você não tem nem forças pra lidar com essa pornografia. Enquanto a Hilda não, no texto erótico ela pode usar da pornografia sim, por que não? Não falo nem pornográfico, falo é putaria mesmo. Ela usa a putaria pra falar de uma coisa maior, de uma arte maior, ela está falando de uma deusa. Uma deusa do sexo, de uma vênus. A Filó nada mais é que uma representação física de Vênus.